

GEÍSA AIGER DE OLIVEIRA  
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ  
JAIRE EDERSON PASSOS

ORGANIZADORES



# Des ign pes em qui sa.

● vol 5

GEÍSA AIGER DE OLIVEIRA  
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ  
JAIRE EDERSON PASSOS

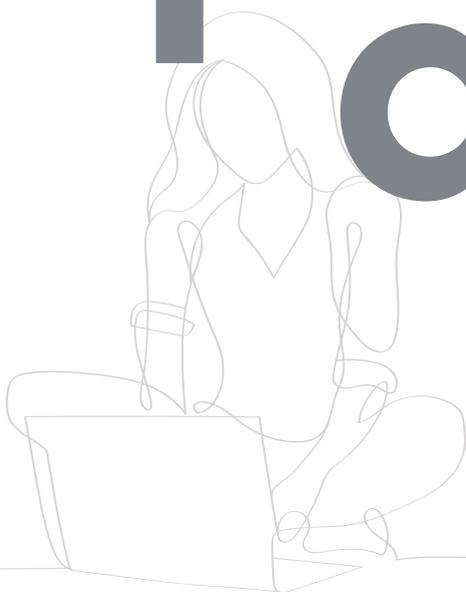
ORGANIZADORES



# Des ign pes em qui sa.



vol 5



---

D457 Design em pesquisa : volume 5 [recurso eletrônico] / organizadores Geisa Gaiger de Oliveira, Gustavo Javier Zani Núñez [e] Jaire Ederson Passos. – Porto Alegre: Marcavisual, 2023.  
356 p. ; digital

ISBN 978-65-89263-58-6

Este livro é uma publicação do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([www.ufrgs.br/iicd](http://www.ufrgs.br/iicd))

1. Design. 2. Gestão de Design. 3. Gestão de projetos. 4. Design – Emoção. 5. Design - Educação. 6. Design – Tecnologia. 7. Design – Sustentabilidade. 8. Design – Desenvolvimento humano. 9. Design – Teoria e método. 10. Design contra a Criminalidade. I. Oliveira, Geisa Gaiger de. II. Zani Núñez, Gustavo Javier. III. Passos, Jaire Ederson.

CDU 658.512.2

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

## Morar e trabalhar na pandemia: análise das adequações do ambiente doméstico para o *home office* em tempos de isolamento

Ana Elisa Franzen Bernd, Jocelise Jacques de Jacques

---

### Resumo

Esta pesquisa exploratória se insere no contexto de uma dissertação de mestrado, em que um dos objetivos é identificar as novas demandas para a arquitetura residencial e design de produto, a partir do estudo das adequações que os trabalhadores já fizeram dentro das suas casas, para a implementação do *home office* durante o isolamento social. Neste estudo qualitativo, buscou-se compreender, aprofundar e explorar o fenômeno da inserção do trabalho no ambiente doméstico durante a pandemia, sob a perspectiva dos trabalhadores. Realizou-se uma pesquisa de campo, com dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, seguindo um roteiro previamente estabelecido, constituído por vinte perguntas abertas. A amostra foi constituída de treze pessoas que migraram para o *home office* em consequência da COVID-19. Os resultados apontam que a experiência do teletrabalho no ambiente doméstico, trouxe muitas transformações que serão permanentes, e provavelmente refletirão nas demandas de projetos de design e arquitetura residencial.

### 1 Introdução

A pandemia impactou a vida das pessoas nos mais diferentes contextos, modificando seus hábitos e rotinas de forma bastante repentina. Como resultado, houve um aumento do tempo de permanência em casa, uma vez que este espaço passou a abrigar atividades que anteriormente eram desempenhadas fora do âmbito doméstico, especialmente as relacionadas ao trabalho (SOUZA *et al.*, 2020). Isto porque devido às questões sanitárias, o trabalho remoto a partir de casa foi a principal alternativa para dar continuidade às atividades profissionais (MEGAHEDA E GHONEIM, 2020).

Embora a casa seja normalmente considerada um espaço somente de refúgio e privacidade, a pandemia transformou a maneira como as residências são utilizadas, fazendo com que os ambientes ganhassem novos significados, funções, adaptações e readequações (AIKHATEEB; PETERSON, 2021). Para Megaheda e Ghoneim (2020), o tempo prolongado dentro de casa e a inserção do trabalho no ambiente doméstico, podem representar vários desafios em um futuro pós-pandemia, principalmente porque a prática do *home office* exigiu um espaço adequado para ser realizada. Emergem deste cenário vários temas de pesquisa, dentre os quais destacaremos a oportunidade de refletir quais os impactos da inserção do teletrabalho na residência no campo do design e da arquitetura de interiores residenciais.

O objetivo desta pesquisa de campo é identificar as adequações realizadas pelos trabalhadores nos seus espaços domésticos para acomodá-los às novas necessidades trazidas pelo *home office*.

## 2 Habitar e trabalhar

Morar e trabalhar são atividades que sempre estiveram presentes na história e evolução da humanidade. Segundo Cieraad (2018), o significado de lar tal qual conhecemos hoje, tem origem na Revolução Industrial, período em que ocorreu a separação entre casa e trabalho, devido à industrialização e alterações no espaço urbano. Apenas no final do século XX durante a revolução digital, as fronteiras entre casa e trabalho tornaram-se mais diluídas. Principalmente porque a tecnologia permitiu que o trabalho pudesse ser realizado de forma remota, a partir de casa (AIKHATEEB; PETERSON, 2021).

De acordo com Mckeown (2017), a coexistência entre casa e trabalho cresceu devido à popularização do computador, que até então era um equipamento exclusivo dos escritórios. A introdução do *laptop* no espaço de trabalho, deu início à uma grande transformação na maneira como as pessoas realizam suas atividades laborais, pois passou a oferecer liberdade sobre quando e onde uma pessoa poderia trabalhar (MCKEOWN, 2017).

Em 2020, devido à pandemia, a casa volta a abrigar o trabalho, visto que o *home office* se apresentou como uma alternativa para que os trabalhadores pudessem dar continuidade às suas atividades laborais (YANG, et al., 2021). Ortiz e Bluysen (2021) destacam a importância de se discutir sobre os usuários que aderiram à essa modalidade, bem como as condições ambientais e recursos que eles dispunham para desenvolver o traba-

lho durante o isolamento social. Uma pesquisa realizada por Torres *et al.*, (2021) analisou a casa no contexto do isolamento no México, partindo da hipótese que os ambientes domésticos sofreram alterações nas suas configurações, principalmente para abrigar atividades de trabalho e estudo. Para tanto, os autores estabeleceram algumas variáveis para avaliar a facilidade/dificuldade de adequação da moradia: **(i)** perfil dos participantes; **(ii)** tipo de moradia; **(iii)** recursos digitais; **(iv)** conforto; **(vi)** melhorias realizadas. Os autores acreditam que, os resultados obtidos através dessa investigação podem contribuir com bons insights para o desenvolvimento de projetos de escritórios residenciais, que atendam às necessidades que foram evidenciadas durante o confinamento.

Pontual (2021) complementa que o isolamento social evidenciou a necessidade de revisão do conceito de habitação até então produzido e comercializado. Foram tantas as adaptações necessárias que as moradias ganharam uma certa elasticidade. Mesmo com a compactação característica das unidades comercializadas atualmente, a casa tornou-se escola e ambiente de trabalho, trazendo a necessidade de flexibilidade de usos para o setor residencial. Para a autora, essa flexibilidade precisa ser o principal norteador projetual da moradia deste novo contexto. Salama (2020) afirma que devido às medidas de isolamento social e à presença cada vez mais constante da tecnologia no ambiente doméstico, as mudanças nas configurações dos espaços residenciais em um contexto pós-pandemia serão inevitáveis. Tais transformações, além de exigirem a apropriação e adequação das moradias e locais de trabalho já existentes, também trarão novos padrões e especificações para a concepção desses ambientes daqui pra frente.

### 3 Metodologia

Neste estudo qualitativo tem-se o intuito de compreender, aprofundar e explorar o fenômeno da inserção do trabalho no ambiente doméstico durante a pandemia, sob a perspectiva dos trabalhadores. A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, seguindo-se um roteiro previamente estabelecido, constituído por vinte perguntas abertas, apresentado na figura 2. As questões foram divididas em quatro categorias facilitar o processo de análise das informações levantadas na coleta de dados: **(1)** Público-Alvo; **(2)** Habitar e Trabalhar; **(3)** Design e *home Office*; e **(4)** Adequações Realizadas.

Os participantes desse estudo foram convidados por meio da técnica de amostragem não probabilística bola de neve (VINUTO, 2014). As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas de forma *online* e individual, por meio do aplicativo de chamadas de vídeo Google Meet, durante os meses de abril e maio de 2022. Cada entrevista teve duração média de 40 minutos. As questões do roteiro das entrevistas eram abertas e não foram feitas em uma ordem específica, pois o objetivo principal era incentivar o participante a falar abertamente sobre os assuntos que foram surgindo ao longo da conversa (FLICK, 2009).

Figura 2- Roteiro entrevistas

CATEGORIAS	OBJETIVOS	PERGUNTAS
ÚBLICO-ALVO	1. CARACTERIZAR A AMOSTRA DE PARTICIPANTES;	1. Qual seu gênero? 2. Qual sua idade? 3. Qual seu nível de escolaridade? 4. Qual a sua profissão? 5. Você tem filhos? Se sim, quantos?
HABITAR E TRABALHAR	2. IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS DA MORADIA DO TRABALHADOR;	6. Com quantas pessoas você mora? 7. Você mora em casa ou apartamento? 8. Qual o tamanho aproximado do lugar onde você mora? (m <sup>2</sup> ) 9. Você se mudou na pandemia?
DESIGN HOME OFFICE	3. COMPREENDER COMO FOI O PROCESSO DE SUBSTITUIÇÃO DO ESPAÇO TRADICIONAL DE TRABALHO (ESCRITÓRIO) PARA O HOME OFFICE;	10. Explique, como foi para você o processo de transição do trabalho que costumava ser realizado em um espaço físico fora de casa para o <i>home office</i> (dentro de casa). 11. Quais atividades de trabalho você preferia realizar fora de casa (escritório)?
	4. IDENTIFICAR QUAL O AMBIENTE DA CASA MAIS UTILIZADO PARA O TRABALHO: (i) ambiente com localização fixa, exclusiva para o <i>home office</i> ; (ii) espaço compartilhado temporariamente (só durante o período de trabalho) com outros ambientes da casa; (iii) espaço compartilhado de forma regular (fixa) com outros espaços que possuem áreas específicas para trabalho ou estudo.	12. Explique como se caracteriza o seu espaço de trabalho em casa. 13. Qual motivo você inseriu o seu posto de trabalho neste local?
	5. IDENTIFICAR QUAIS OS RECURSOS QUE O TRABALHADOR DISPÕE PARA REALIZAR O TRABALHO REMOTO DE FORMA SÍNCRONA E ASSÍNCRONA A PARTIR DE CASA: (i) Recursos digitais disponíveis: smartphones, <i>tablets</i> , <i>laptop</i> , computador, tela de computador extra (fixa) e suportes ergonômicos; (ii) Mobiliário: mesa, cadeira e outros móveis auxiliares.	14. Quais os recursos digitais você utiliza no trabalho, durante a interação com as câmeras? 15. Você se preocupa com a imagem de fundo transmitida por sua casa? 16. Qual o mobiliário que você utiliza para trabalhar?
ADEQUAÇÕES REALIZADAS	6. IDENTIFICAR AS ADEQUAÇÕES REALIZADAS PELO MORADOR NOS SEUS ESPAÇOS DOMÉSTICOS PARA ACOMODÁ-LOS ÀS SUAS NOVAS NECESSIDADES: (i) Aumentar, diminuir ou mudar função de um cômodo; (ii) Melhorar: questões estéticas, conforto, privacidade, mobiliário ou outras questões técnicas; (iii) Flexibilidade/ facilidade de controle do ambiente de trabalho.	17. Quais adequações você fez neste ambiente? 18. Readequar a sua residência para o trabalho foi fácil ou difícil? 19. Quais recursos você empregou nessas modificações? Próprios? Empregador? Financeiro? Tempo? Espaço? 20. De uma maneira geral, você acredita, que agora, a sua residência está preparada para as demandas de trabalho remoto? O que poderia melhorar?

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As pesquisadoras localizaram dentro da população geral, por proximidade, cinco indivíduos que tinham adotado a modalidade *home office* em consequência do isolamento social, e que estavam dentro dos critérios de inclusão: **(i)** ser maior de 18 anos; **(ii)** estar trabalhando seja em alguma instituição/ empresa ou ser autônomo; **(iii)** com a imposição do isolamento social, ter migrado para a modalidade de trabalho remoto (*home office*) ou seja, passou a trabalhar de casa; **(iv)** não ter trabalhado em regime de *home office* antes da pandemia; **(v)** ter modificado ou adaptado algum espaço da sua residência para o *home office*; **(vi)** trabalhador que para realizar o trabalho, precisa interagir com outras pessoas por meio de chamadas de vídeo, de forma síncrona/ *online* ou gravar vídeos; **(vii)** com as flexibilizações da pandemia, continuar trabalhando em formato *home office* ou híbrido (em casa e na empresa).

Ao final da primeira rodada, foi solicitado a cada entrevistado indicar algum participante em potencial para dar seguimento ao segundo ciclo de entrevistas. Ao todo, um grupo de treze pessoas participaram das duas rodadas.

Os resultados mostraram que dos trezes trabalhadores, 76,96% (n=10) declararam ser do sexo feminino e 23,04% (n=3) do sexo masculino. Em relação à faixa etária dos participantes 69,24% tinham entre 30 e 39 anos (n=9), 23,07% entre 42 e 47 anos (n=3) e 7,69 % (n=1) acima de 60 anos. Em relação ao grau de escolaridade 38,38% (n= 5) dos entrevistados possuem doutorado concluído ou estão com o curso em andamento, 30,76% (n=4) possuem especialização completa, 15,38% (n=2) tem mestrado e por fim 15,38% (n=2) tem graduação completa. O tópico a seguir, apresenta os resultados obtidos após a transcrição das entrevistas.

## 4 Apresentação dos resultados e análise dos dados

### 4.1 Habitar e trabalhar

Na categoria “Habitar e Trabalhar”, buscou-se identificar as características da moradia do trabalhador, por meio das questões 6 a 9. Sobre o número de moradores, dos treze entrevistados 53,8% (n=7) disseram morar com uma pessoa, 23,1% (n=3) moram sozinhos, e 15,4% (n=3) afirmaram morar com mais de três pessoas. A questão 7, buscou identificar a tipologia residencial atual do participante: 76,92% (n=10) moram em apartamentos e 23,08% (n=3) vivem em casas. Quanto ao tamanho do local 60,17 % dos entrevistados, disseram morar em um espaço com dimensões entre 80 e 90m<sup>2</sup>, enquan-

to 23% em um local de 70 a 75m<sup>2</sup>. Apenas 16,76% dos entrevistados declararam que suas residências têm área superior a 120m<sup>2</sup>. Sobre o número de dormitórios existentes, a maioria dos usuários afirmou as suas residências tinham dois a três quartos. A questão 9 foi inserida no roteiro no decorrer da realização das entrevistas, visto que a mudança de residência durante a pandemia ocorreu entre os participantes deste estudo. Dos treze trabalhadores entrevistados, sete disseram ter se mudado durante a pandemia. As justificativas para tal, serão detalhadas na categoria 4, adequações realizadas.

#### 4.2 Design e home office

Nesta categoria, buscou-se compreender ao longo de todos os discursos coletados, como foi o processo de substituição do trabalho que costumava ser realizado fora de casa, para o *home office*, especialmente os desafios enfrentados e pontos positivos reconhecidos na modalidade.

Para algumas pessoas certos deslocamentos pararam de existir e inadequações quanto à área da moradia foram evidenciadas, e em alguns casos acabaram motivo de mudança de endereço. Como mostra o depoimento da **EN1** que morava em Passo Fundo e trabalhava em uma clínica na cidade de Caxias, além de ser professora no curso de Terapia Ocupacional na mesma cidade “Com a pandemia, a demanda de pacientes diminuiu muito, e as aulas da universidade migraram para o formato remoto. Nesse período eu fui para Porto Alegre, onde morei em um apartamento com outras pessoas” (Entrevistada 1, 30 anos, Professora e Terapeuta Ocupacional). Antes da pandemia, a **EN4** comenta que ela se deslocava diariamente de Porto Alegre para São Leopoldo, onde se localiza a sede física da sua empresa. Ela afirma que neste período, morava em apartamento bem pequeno “Morar em um JK era bem tranquilo, eu quase não parava em casa. Mas em seguida quando me mudei, sem saber da pandemia, eu já comecei a trabalhar em *home office*, aí eu me dei conta que eu iria surtar num JK. Era muito pouco espaço” (Entrevistada 4, 39 anos, Designer). A **EN12**, contou que estava de licença maternidade a cinco meses, e no dia que retornaria para trabalhar, o decreto foi publicado, e a empresa mandou os funcionários para casa “Eu fiquei em casa com meu marido, os dois juntos em *home office* e com as duas crianças dentro de um apartamento minúsculo, foi bem difícil nos primeiros meses” (ENTREVISTADA 12, 39 anos, Arquiteta).

O espaço não foi a única variável citada, os equipamentos disponíveis e certa carência de conhecimento em relação às possibilidades tecnológicas também foram apontados como pontos negativos. As entrevistadas **EN8** e

**EN13**, ambas colegas, comentam que a empresa na qual trabalham, permitiu que os funcionários fossem na sede física pegar seus pertences, equipamentos eletrônicos e até mesmo mobiliário para trabalhar em casa. Em paralelo o **EN11** comenta que, a transição para o *home office* foi desafiadora, principalmente porque com a pandemia ele passou a dar aulas online, e precisou aprender a lidar com a tecnologia “Eu já sou mais velho, então tive bastante dificuldade com computador, câmera e as filmagens das aulas. Precisei fazer várias improvisações para continuar com as aulas de desenho” (Entrevistado 11, 58 anos, Professor e Arquiteto).

Quanto às atividades que os indivíduos preferiam fazer fora de casa (no escritório), a ampla maioria dos entrevistados respondeu que a interação entre os colegas, alunos, bem como a realização de reuniões, são atividades melhores de serem feitas presencialmente. Nessa linha, constatou-se que os **EN1**, **EN6** e **EN11**, professores de disciplinas práticas, compartilham da mesma opinião de que, a interação e a didática com os alunos são muito melhores presencialmente. Em relação às reuniões, observou-se no discurso dos trabalhadores entrevistados **EN3**, **EN8** e **EN13** que, as reuniões online não são tão efetivas quanto as presenciais. A **EN8** complementa “No *home office* coisas ficaram mais difíceis de serem resolvidas, tudo vira reunião online, é muito cansativo e sobra pouco tempo para produzir” (Entrevistada 8, 36 anos, Arquiteta).

Em paralelo, o *home office* é considerado como mais adequado para executar tarefas que exigem mais concentração, silêncio e privacidade, conforme afirmam os participantes **EN1**, **EN2**, **EN3** e **EN4**, assim entende-se como pontos positivos. A **EN2** descreveu que “No escritório presencial a gente trabalhava em baia, tinha barulho, briga pelo ar-condicionado. Em casa eu tenho mais silêncio, consigo me concentrar melhor e tenho mais privacidade” (Entrevistada 2, 42 anos, Arquiteta).

Os entrevistados citaram que preferem trabalhar em casa, porque não precisam se deslocar até os seus escritórios/ sede empresas. O **EN11** comenta que “No *home office* eu não preciso me deslocar até a universidade, que é bem longe aqui de casa” (Entrevistado 11, 58 anos, Professor e Arquiteto). Por último, os entrevistados que possuem filhos pequenos, dizem preferir trabalhar em casa, porque dessa forma é possível passar mais tempo com as crianças, conforme observa-se na fala do **EN9** “Com a pandemia, e a possibilidade de trabalhar em regime *home office*, eu consegui acompanhar o crescimento dos meus filhos, fico mais tempo em casa, fazer os serviços domésticos e participar mais do dia-dia deles” (Entrevistado 9, 31 anos

Designer). A entrevistada **EN12** complementa “Eu prefiro o trabalho remoto, consigo ficar mais tempo com meus filhos. Antes eu só via eles de noite, quando voltava do trabalho” (Entrevistada 12, 39 anos, Arquiteta).

Em relação ao espaço físico e mobiliário, o escritório doméstico é considerado mais apropriado do que a sede física que os entrevistados costumavam trabalhar. Os **EN2**, **EN6** e **EN8**, comentam que preferem seus ambientes de trabalho em casa, por terem melhor estrutura e se sentirem mais confortáveis. A justificativa está do fato de que as modificações realizadas por esses trabalhadores, conseguiram atender de forma adequada às demandas do *home office*. Esses dados vão em encontro com os achados de uma pesquisa intitulada “Como atrair funcionários de volta para o escritório? Um estudo sobre as preferências de trabalho híbrido” de Meulenbroek *et al.* (2021, tradução nossa). Neste estudo, os autores buscaram identificar quais as características do espaço de trabalho determinam onde as pessoas preferem realizar seu trabalho, de acordo com as exigências da tarefa a ser executada (comunicação, concentração ou ambas). O estudo concluiu que quando a atividade de trabalho exige comunicação entre colegas, os trabalhadores tendem a preferir o trabalho presencial. No entanto, quando a tarefa exige maior concentração, silêncio e privacidade, a maioria dos indivíduos afirmam optar pelo *home office* (MEULENBROEK *et al.*, 2021).

O segundo objetivo, buscou identificar qual o ambiente mais utilizado da casa para o trabalho, e por quais motivos o usuário havia inserido seu *home office* neste local. Para tanto, utilizou-se os critérios estabelecidos por Vilches *et al.*, (2021), que permitem classificar os espaços de acordo com as seguintes características: **(i)** ambiente com localização fixa, exclusiva para o *home office*; **(ii)** espaço compartilhado temporariamente (só durante o período de trabalho) com outros ambientes da casa; **(iii)** espaço compartilhado de forma regular (fixa) com outros espaços que possuem áreas específicas para trabalho ou estudo. Os resultados demonstraram que 61,53 % (n=8) dos participantes afirmaram ter um ambiente exclusivo para o *home office*. Nesse caso, a maioria organiza seus escritórios em dormitórios que, anteriormente estavam sem uso, ou seja, mudaram a função desses cômodos. Observou-se que, 23,09% (n=3) dos indivíduos organizaram seu *home office* em um espaço compartilhado de forma regular (fixa), isto é, tem seu ambiente de trabalho junto com seus quartos. Por último, 15,38% (n=2) dos entrevistados disseram que utilizam vários locais da casa, conforme a necessidade e de forma temporária.

Em relação à definição do espaço outro fator decisivo foi a iluminação natural, a **EN1** justifica a escolha do seu dormitório para organizar seu *home office* “Por causa da luz natural. Com a janela aqui do lado, raramente eu preciso acender a luz, até porque eu não trabalho até tarde da noite” (Entrevistada 1, 30 anos, Professora e Terapeuta Ocupacional). A **EN4** complementa que optou por trabalhar na sala de estar, por ter se sentido claustrofóbica ao tentar utilizar um dos dormitórios disponíveis no seu apartamento que tinha uma vista para um poço de luz “Eu gostei de trabalhar na sala, a janela aqui é bem maior, entra bastante sol. Coloquei várias plantas também, isso me faz sentir mais acolhida” (Entrevistada 4, 39 anos, Designer).

A localização do modem da internet, também foi determinante na escolha de um espaço para o *home office* na residência, conforme cita a **EN8** “o roteador da internet já estava localizado aqui, porque esse espaço já era usado como escritório pelo antigo morador. Já estava tudo mobiliado” (Entrevistada 8, 36 anos, Arquiteta). A **EN12** também comentou “O meu modem fica aqui no quarto, bem pertinho do computador. Então eu não tenho problemas com internet” (Entrevistada 12, 39 anos, Arquiteta).

Quanto à possibilidade de ter o *home office* separado do dormitório, a **EN3** explica que ao se mudar de casa durante a pandemia, escolheu o menor dos dois quartos para localizar seu escritório “O quarto maior já tinha guarda-roupa embutido, então era feito pra ser dormitório mesmo” (Entrevistada 3, 44 anos, Arquiteta). Semelhante à **EN3**, a **EN6** complementa que organizou seu *home office* “No antigo quarto da bagunça. Era um lugar que a gente quase não usava. O outro dormitório só tem a cama e a mesa de cabeceira, só para dormir mesmo” (Entrevistada 6, 47 anos, Professora e Engenheira). A **EN7** também justifica os motivos pelos quais optou por utilizar o dormitório maior para o escritório doméstico “A ideia era ter um quarto só com cama e mesa de cabeceira. Então escolhi esse espaço, porque é maior e iria caber duas mesas de trabalho” (Entrevistada 7, 36 anos, Professora e Nutricionista).

As questões de privacidade, silêncio e a possibilidade de ter um espaço de trabalho mais isolado do resto da casa está presente na fala da **EN12**, que afirma ter instalado o *home office* junto com seu dormitório, por ser um local mais longe das demais áreas da residência “Achei que ia prejudicar menos o resto da casa, até porque esse quarto aqui em cima é mais isolado” (Entrevistada 12, 39 anos, Arquiteta).

Os entrevistados que disseram compartilhar seus espaços de trabalho com outras pessoas, afirmam que o principal requisito na escolha do local para o escritório em casa, foi o espaço, segundo a fala das **EN7** e **EN13** respectivamente “Esse quarto aqui, sendo o maior, caberia as nossas duas mesas também” (Entrevistada 7, 36 anos, Professora e Nutricionista) “A gente identificou que esse espaço aqui seria maior para abrigar duas pessoas trabalhando, essa foi a principal razão” (Entrevistada 13, 36 anos, Arquiteta). Em síntese, as razões da escolha de determinado local da residência para implementar o *home office*, foi possível constatar ao longo do discurso dos participantes algumas justificativas em comum, tais como: **(1)** iluminação natural; **(2)** localização roteador internet; **(3)** separar o *home office* do dormitório; **(4)** local mais isolado do resto da casa, para ter privacidade e silêncio; e **(5)** espaço maior. Vilches et al., (2021), buscaram identificar quais os fatores que definiam um ambiente trabalho adequado na percepção dos teletrabalhadores de Madri. O estudo concluiu que tais aspectos são: luz natural, dimensionamento, mobiliário e vista para o exterior, corroborando com os resultados obtidos nesta investigação.

O último objetivo da categoria, corresponde às perguntas 13 a 17, as quais indagaram aos participantes sobre os recursos digitais utilizados para trabalhar, se há preocupação com a imagem de fundo transmitida nas chamadas de vídeo e a respeito do mobiliário utilizado no *home office*.

No que diz respeito ao mobiliário, todos os entrevistados afirmaram ter ao menos uma mesa e uma cadeira para trabalhar. Sobre o uso de móveis auxiliares, 61,53 % (n=8) afirmam utilizar outros móveis, tais como prateleiras, gavetas e armários para armazenamento de material de escritório, livros entre outros. Em relação aos fundos transmitidos durante as chamadas de vídeos, dos treze entrevistados, 53,84% (n=7) responderam que utilizam o recurso de desfoque de fundo disponibilizado nos aplicativos de chamadas de vídeo. Ao serem questionados sobre o motivo, todos os participantes responderam que o “fundo falso” disfarça a falta de organização do ambiente de trabalho. Os demais respondentes, 46,15 % (n=6) afirmaram não se preocupar com os fundos nas chamadas de vídeo e não utilizam nenhum recurso.

### 4.3 Adequações realizadas

A categoria 4, tinha como objetivo identificar as melhorias realizadas pelos trabalhadores nos seus espaços para acomodá-los ao *home office*. Conforme abordado anteriormente na categoria Habitar e Trabalhar, verificou-se que muitos entrevistados mudaram de residência durante a pandemia. Logo, a mudança

de moradia foi considerada uma melhoria realizada pelos trabalhadores, que buscavam viver em espaços mais qualificados. A seguir, apresentamos os trechos mais relevantes das entrevistas, que trazem as justificativas da questão 9: “Você se mudou na pandemia?” e como foi esse processo. A **EN1** cita que precisou retornar para sua cidade natal devido a questões familiares. Ela relata que acabou inserindo o seu *home office* na casa da mãe, onde trabalha até hoje. Ao ser questionada se havia diferença entre morar em casa ou apartamento a **EN1** acrescenta que sentiu bastante diferença.

Eu sentia falta de espaços abertos e com verde para desopilar. Hoje morando na casa da minha mãe, eu tenho mais opções de acessar esses ambientes. Posso pegar meu computador ou *tablet* e alternar o ambiente de trabalho. Isso fez toda a diferença para minha saúde mental (ENTREVISTADA 1, 30 anos, Terapeuta Ocupacional).

A **EN3** comenta que, no decorrer na pandemia, o apartamento em que morava acabou ficando pequeno demais para as demandas do *home office* “Eu e meu marido dividíamos aquele espaço de forma bastante improvisada. Nesse novo apartamento, o nosso escritório é bem mais adequado, foi planejado para isso” (Entrevistada, 3, 44 anos, Arquiteta). Já a **EN4**, afirma ter se mudado antes de começar a pandemia “Coincidentemente eu me mudei em março de 2020, bem no começo da pandemia. Quando começou o isolamento eu tinha recém me mudado, outro apartamento já estava pequeno para mim” (Entrevistada 4, 39 anos, Designer). Assim como a **EN4**, a **EN8** também se mudou na pandemia, por motivos de falta de espaço.

Eu morava num apartamento bem pequeno de um quarto, tinha uma mesa de trabalho que ficava na sala. Cheguei num momento em que eu precisava separar o ambiente de trabalho do ambiente da casa (ENTREVISTADA 8, 36 anos, Arquiteta).

A **EN12**, ela cita que o apartamento que morava anteriormente tinha aproximadamente 70m<sup>2</sup>, dois quartos e uma sala integrada com a cozinha. A entrevistada comenta que durante esse período, costumava trabalhar na mesa da sala e diariamente tinha que montar e desmontar a sua estação de trabalho “O antigo apartamento era bem pequeno, então, quando meu filho menor nasceu, a gente já começou a procurar casa maior, com pátio com no mínimo três quartos” (Entrevistada 12, 39 anos, Arquiteta).

Da mesma forma que a **EN1**, a **EN12** comentou sobre a diferença entre apartamento e casa “Eram duas crianças dentro de um apartamento o dia inteiro, não tinha válvula de escape” (Entrevistada 12, 39 anos, Arquiteta). A **EN13** fala que acabou se mudando por passar muito tempo em casa para trabalhar e acrescenta “o *home office* foi um grande fator, mas também por qualidade de vida, por orientação solar que também vai agregar não só no momento do trabalho, mas na vida no geral” (Entrevistada 13, 36 anos, Arquiteta). Dentre os motivos mais citados pelos participantes, para justificar a mudança de moradia, podemos citar: **(i)** falta de espaço para organizar o *home office*; **(ii)** dificuldade de separar a casa do trabalho; **(iii)** falta de áreas externas/verdes; e **(iv)** questões familiares. Percebe-se que a maioria desses fatores, está relacionado à percepção de inadequação da residência.

Quanto aos indivíduos que não se mudaram e apenas adequaram seus espaços existentes para o *home office*, o **EN5** comenta que no começo utilizava a sala para dar aulas, porque tudo ainda era incerto e ele ainda tinha poucos alunos na modalidade *online* “Quando percebi que o *home office* seria definitivo, comecei a investir para melhorar meu espaço de trabalho. Comprei uma luz direcional, peguei duas mesas grandes da minha mãe e comprei um monitor adicional” (Entrevistado 5, 33 anos, Professor de Inglês). A **EN6** também afirmou que no início do isolamento social não realizou muitas modificações: “Quando percebi que a pandemia duraria mais tempo, aos poucos eu fui me organizando para implementar um escritório no quarto da bagunça. Projetei a mesa, comprei as cadeiras pela internet e comprei dois computadores fixos” (Entrevistada 6, 47 anos, Professora e Engenheira). Em contrapartida, o **EN9** diz que em um primeiro momento ele tinha um escritório em um dos dormitórios do seu apartamento, mas com a chegada do primeiro filho e da pandemia, ele precisou desmontar o escritório para o quarto do bebê “Eu arrumei um cantinho aqui no meu quarto para poder trabalhar, onde eu coloquei uma mesa, meu computador. Falta bastante espaço, aqui é bem apertado, eu mal consigo me mexer direito” (Entrevistado 9, 31 anos, Designer).

Em relação à facilidade ou dificuldade de adequar os espaços domésticos para o *home office*, todos os participantes afirmaram não ter tido grandes problemas para realizar essas modificações. A questão 20, indagou o entrevistado acerca da fonte dos recursos empregados nessas modificações, se próprios ou fornecidos pelos empregadores. Dos treze entrevistados, 61,53 % (n=8) afirmaram que utilizaram recursos financeiros próprios, e 46,15% (n=6) dos entrevistados relataram que receberam auxílio dos seus empregadores para implementar o *home office*, tanto com equipamentos

(computadores, *notebooks* e outros recursos digitais), quanto com mobiliário. Esses trabalhadores, disseram receber um valor mensal das empresas para custear as despesas do trabalho em casa.

Por último, os entrevistados foram perguntados se a sua residência estava preparada para o teletrabalho e o que poderia melhorar. Dos treze participantes, 53,84% (n=7) que disseram ter se mudado na pandemia, afirmaram que não mudariam nada no seu atual espaço de trabalho doméstico. Os demais participantes, 46,15% (n=6) permaneceram morando no mesmo espaço desde o começo do isolamento social, declararam que gostariam de fazer algumas melhorias nas suas casas. Destacamos a seguir os aspectos mais mencionados nos discursos dos entrevistados: **(1)** “sinto falta de espaços abertos, áreas verdes ou sacada;” **(2)** “melhoraria as questões de acústica;” **(3)** “gostaria de ter um espaço exclusivo pra o *home office*;” **(4)** “investiria no conforto térmico;” **(5)** “gostaria de morar em um espaço maior; e por fim **(6)** “investiria em mobiliário com melhor qualidade.

Esses achados, reforçam os resultados obtidos na investigação realizada por Torres *et al.* (2021) no México, que analisou quais os aspectos que os participantes mudariam nas suas residências, se pudessem. Dentre os aspectos mais mencionados nos discursos desses usuários, podemos citar: espaços verdes; vistas para o exterior; melhor luz natural e artificial. Em relação aos interiores, os autores destacam que os entrevistados gostariam de ter um mobiliário melhor, ter uma casa com melhor distribuição dos ambientes e mais área disponível. Ainda nessa linha, os dados obtidos neste capítulo também corroboram com o estudo realizado por Vilches *et al.*, (2021) que investigou a percepção de adequação dos participantes em relação aos seus espaços de trabalho em casa, baseando-se no seguinte questionamento: “As nossas casas estão preparadas para o teletrabalho?”. O estudo concluiu que a percepção de adequação desses espaços foi insuficiente para mais de um quarto dos participantes, que moram em apartamentos. A pesquisa concluiu que, os indivíduos que possuíam espaços fixos de teletrabalho, consideravam seus espaços de trabalho adequados e apresentavam uma melhor condição socioeconômica.

À vista disso, é possível afirmar que, os entrevistados que afirmaram ter se mudado de residência ao longo da pandemia, possuíam uma condição financeira melhor. Os trabalhadores que não possuíam esses espaços, e adaptaram ambientes da casa compartilhados com outras pessoas, consideravam seus locais de trabalho inadequados. Esses indivíduos, correspondiam a um perfil jovem, com uma situação financeira inferior aos demais, com filhos pequenos, que moram em casas alugadas e de áreas menores.

## 5 Considerações finais

A adoção da modalidade *home office* foi a principal alternativa para que empresas e funcionários pudessem dar continuidade às suas atividades laborais e ao mesmo tempo cumprir as medidas de distanciamento. Nesse sentido, o atual cenário de pandemia e a obrigatoriedade do isolamento social levantaram a necessidade de reavaliarmos as atuais estratégias de projeto residencial, oportunizando que se defina um modelo de implementação do teletrabalho em casa, que assegure o atendimento das necessidades mínimas desses trabalhadores. Assim, esta pesquisa objetivou identificar as adequações realizadas pelos trabalhadores, nos seus espaços domésticos, para acomodá-los às novas demandas trazidas pelo *home office*.

A partir dos resultados obtidos, foi possível concluir que muitas das transformações originadas durante o isolamento social serão permanentes, logo, deverão ser incluídas no programa de necessidades residencial. Constatou-se também que, a implementação da atividade de trabalho no ambiente residencial, deve ser considerada tanto na concepção de novos edifícios residenciais como na readequação dos existentes, uma vez que a modalidade *home office* passou a ser a realidade de muitos trabalhadores e o atual modelo arquitetônico habitacional produzido e comercializado não contempla nem atende as demandas do trabalho remoto e de longos períodos de permanência no ambiente doméstico. Por fim, observou-se que na percepção dos entrevistados, ter um espaço exclusivo para o *home office* ou a possibilidade de alternar ambientes de trabalho são considerados pontos positivos na residência, assim como a disponibilidade de iluminação natural e ambientes com vistas para o exterior.

## Referências

- ALKHATEEB, Maryam; PETERSON, Helen. The impact of COVID-19 on perceptions of home and house design in Saudi Arabia. *Strategic Design Research Journal*, v. 14, n. 1, p. 327-338, 2021.
- ANDRADE, Daniel P. de; BALBI, Rafaela Santana (Orgs) *Arquitetura e Urbanismo em tempos de crise: impactos da pandemia do novo Coronavírus [recurso eletrônico]* / Daniel P. de Andrade; Rafaela Santana Balbi (orgs) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.
- FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MCKEOWN, Céline. *Office ergonomics and human factors: Practical applications*. CRC Press, 2018.
- MEGAHED, Naglaa A.; GHONEIM, Ehab M. Antivirus-built environment: Lessons learned from Covid-19 pandemic. *Sustainable cities and society*, v. 61, p. 102350, 2020.

- MEULENBROEK, Rianne *et al.* How to attract employees back to the office? A stated choice study on hybrid working preferences. **Journal of Environmental Psychology**, v. 81, p. 101784, 2022.
- ORTIZ, Marco A.; BLUYSSSEN, Philomena M. Profiling office workers based on their self-reported preferences of indoor environmental quality and psychosocial comfort at their workplace during COVID-19. **Building and Environment**, p. 108742, 2022.
- PONTUAL, J. Reflexões sobre a moradia pós-covid-19. **Minha Cidade**, São Paulo, v. 21, n. 246.03, jan. 2021 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/21.246/8027>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- SALAMA, Ashraf M. Coronavirus questions that will not go away: interrogating urban and socio-spatial implications of COVID-19 measures. **Emerald Open Research**, v. 2, 2020.
- SOUZA, M. R. D. *et al.* O home office e o direito à desconexão em tempos de COVID-19. **Revista de Direito da Empresa e dos Negócios**, v. 4, n. 2, 2020.
- VILCHES CUERDO, Teresa; NAVAS-MARTÍN, Miguel Ángel; OTEIZA, Ignacio. Working from home: Is our housing ready? **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 14, p. 7329, 2021.
- VILCHES CUERDO, Teresa *et al.* Adequacy of telework spaces in homes during the lockdown in Madrid, according to socioeconomic factors and home features. **Sustainable Cities and Society**, v. 75, p. 103262, 2021.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temática, Campinas**, v.22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.
- 

#### Como citar este capítulo (ABNT)

BERND, A. E. F.; JACQUES, J. J. Morar e trabalhar na pandemia: análise das adequações do ambiente doméstico para o *home office* em tempos de isolamento. *In*: OLIVEIRA, G.G. de; NÚÑEZ, G.J.Z.; PASSOS, J. E.; **Design em Pesquisa – Volume 5**. Porto Alegre: Marcavisual, 2022 cap. 18, p. 249-263. E-book. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>

#### Como citar este capítulo (Chicago)

BERND, ANA. ELISA FRANZEN; JACQUES, JOCELISE JACQUES DE. “Morar e trabalhar na pandemia: Análise das adequações do ambiente doméstico para o home office em tempos de isolamento” *In*: Design em Pesquisa – Volume 5 edited by Geísa Gaiger de Oliveira, Gustavo Javier Zani Núñez, Jaire Ederson Passos, 249-263. Porto Alegre: Marcavisual.